

## **Bela Joana, a filha do sapateiro: criando moda a partir da narrativa**

Carlos Guilherme Azevedo Amaral  
UCAM

Esta história é contada a partir das lendas da filha do sapateiro e da Bela Joana, que fizeram moradia no alto das serras, na cidade de São Fidélis, Estado do Rio de Janeiro, e dali espalharam para toda a região um toque de magia. Conservadas intactas pelos fidelenses, difundidas pelo viajantes e pelos viventes das águas do rio Paraíba do Sul, a Filha do Sapateiro e Bela Joana permanecem vivas desde antes dos idos 1780, quando fazendeiros e aventureiros pousaram nesses sítios, em busca de riquezas.

A versão da lenda escolhida para contar esta história é a de Antonio Roberto Fernandes, que diz que a Filha do Sapateiro chama-se Joana, e que a região montanhosa onde morou passou a ser chamada de Bela Joana, nome que persiste até hoje. Portanto, Joana e a Filha do Sapateiro seriam uma só pessoa, um só personagem desta história, no mínimo curiosa:

### **Era uma vez...**

Na vanguarda dos aventureiros, aparece um SAPATEIRO, de origem européia, sem dúvida, pois os artesãos da época são quase todos europeus, principalmente franceses, peritos em artigos do vestiário. Ele mora na raiz da serra, com dois filhos e uma filha adolescente, linda, de talhe igual ao capinzal que brota em espigas, na época da acasalação dos vegetais. Léguas distantes dos outros moradores, separado por montanhas, matas, rios, pântanos e medos, rodeado de índios. Isso lá por 1769 até 1779, período do vice-rei Dom Luís de Almeida Portugal Soares Alarcão d'Eça e Melo e Silva Mascarenhas, o 2º Marquês de Lavradio.

O amor não olha raças nem credos. Não respeita nada. Perdida na imensidão de um mundo novo e selvagem, distanciada das comunidades “civilizadas”, sozinha e sem contato com pessoas de sua raça, a vida a pulsar no corpo moço e sadio, a filha do sapateiro e um jovem índio PURI começam a se amar, cumprindo a obrigação do existir. Fogo aceso nos escuros é logo descoberto, e o amor dos dois é logo revelado. O moço puri é espancado pelo sapateiro e seus dois filhos, aparecendo em sua tribo todo lanhado e chicoteado, vítima dos atrasos. A fúria dos índios é terrível. Descem em grupos, em grande alvoroço, incendeiam a pobre choupana dos brancos, matam o sapateiro e seus dois filhos, arrasam com tudo ao redor da habitação. Plantações de aipim, de feijão e milho são destruídas; as criações domésticas são mortas; os magérrimos cães enforcados nos ramos dos arvoredos.

A filha do sapateiro é poupada e levada com os índios, passando a viver com o moço puri, em constantes andanças, pois esses índios não se fixavam em lugar algum, nem casas ou ocas faziam, dormindo a céu aberto, apenas com algumas folhas de coqueiro por cima. Ela é o troféu maior dos Puris, vagando nua pelas matas.

Numa das paradas dos índios junto ao Paraíba, aproveitando-se do descuido dos silvícolas, a filha do sapateiro foge, descendo o rio, indo parar na Curva da Lapa, em Campos. A prostituição é o áspero caminho encontrado pela filha do sapateiro para sobreviver. E, num prostíbulo à Beira Rio, a moça passa a viver, freqüentada por senhores de engenho, boiadeiros dos Campos e fazendeiros do açúcar. Isso até meados de 1780, período em que São Fidélis começa a se desenvolver. Freqüenta o prostíbulo um moço fazendeiro, morador em São Fidélis, que vem constantemente aos Campos, em busca de aparelhos para sua fazenda. O moço encanta-se pela filha do sapateiro. Do encanto ao amor é um pulo, o que faz com que ele decida rapidamente levar a amada para sua fazenda, tornando-a companheira de sua solidão.

A grande prancha leva os amantes fugidos dos atrasos. Vai lenta a embarcação, as asas abertas, subindo o rio. É já de noite, quando encosta no porto de São Fidélis a filha do sapateiro e o moço fazendeiro dormem em uma choupana na margem direita do rio. E no outro dia, madrugada, partem os dois amantes, a cavalo, para a região do Imbé, lugar de cachoeiros e águas-vivas, de orquídeas e pássaros coloridos. Já é de tarde quando os dois chegam à fazenda do moço. Uma casa assobradada, grande terreiro em volta, árvores imensas mais ao longe. E muita plantação. Os dois se abraçam e se aninham. A filha do sapateiro, que se chamava Joana, passa a morar na serra, iluminando-a com sua beleza, embelezando o lugar com seus cuidados. A alta pedraria passa a chamar-se Serra da Bela Joana.

### **Enquanto isso [...]**

O período em que começa a ser contada esta história é o da Primeira Revolução Industrial, ocorrida no Reino Unido na segunda metade do século XVIII, depois seguido pela França e os Estados Unidos. É o início do capitalismo industrial, marcado por grandes transformações econômicas, sociais, políticas e culturais.

Nesta passagem do capitalismo comercial para o industrial, comandado pelo Reino Unido a partir da segunda metade do século XVIII, quase nada se alterou na economia do Brasil, na época uma colônia portuguesa. A colônia continuava a fornecer produtos agrícolas que, no comércio realizado pela metrópole com outros países, representavam grandes possibilidades de lucro. Nesse período, qualquer tentativa de implantar indústrias no Brasil, por mais rudimentares que fossem, era combatida pela Coroa. Tentava-se impedir o surgimento de uma elite econômica que reivindicasse liberdade política (independência) e, ainda, garantir que o maior volume possível de mercadorias britânicas fosse vendido na colônia por Portugal, garantindo-lhe lucros elevados. Essa política alcançou o auge em 1785, quando D. Maria I, a Louca, proibiu a implantação de qualquer atividade manufatureira ou

fabril no Brasil, além de mandar extinguir as instaladas até então. A partir de 1808, com a chegada da família real ao Brasil, a política de restrições à industrialização brasileira foi revogada, mas a concorrência dos produtos britânicos impedia a implantação de indústrias. Em 1810, com o Tratado de Navegação e Comércio, a entrada de manufaturados britânicos foi favorecida. Somente em 1844, com a Tarifa Alves Branco e a criação de taxas médias de importação mais altas, é que ocorreu o primeiro surto industrial no Brasil, independente politicamente de Portugal desde 1822.

Em São Fidélis, viviam somente fazendeiros, com suas famílias e seus escravos, além de índios Puri-Coroado. Estes fazendeiros faziam tudo na Vila de São Salvador, das compras às missas, pois esta era a mais próxima de sua localidade. Somente em 1781, com a chegada de dois missionários capuchinhos incumbidos da catequização dos índios, é que começam as mudanças. Em 24 de abril de 1782, é celebrada a primeira missa na capela construída por estes missionários com a ajuda dos índios, surgindo a partir de então a Aldeia de São Fidélis.

### **A Bela Joana**

A Lenda da Bela Joana, é uma tradição oral, narrada e difundida pelos habitantes de São Fidélis por mais de 200 anos, eternizada por escritores, poetas, músicos e até carnavalescos. Mesmo que Joana não tivesse existido, ou que sua beleza não fosse tão rara assim, sua história é um veículo muitíssimo rico para a criação em moda. No primeiro momento desta história, Joana é uma jovem de origem européia que acaba se envolvendo com um índio nativo da região em que mora, perdendo assim sua virgindade, seu pai e seus irmãos, e passando a viver com a tribo andarilha dos Puris, sendo exibida como um troféu.

No momento seguinte, Joana chega à vila de São Salvador, onde passa a trabalhar num prostíbulo para sobreviver, até a descoberta do verdadeiro amor.

No desfecho desta história, Joana passa a viver com um jovem fazendeiro, em sua belíssima propriedade, onde são felizes para sempre.

### **Joana e a Roupas**

Uma jovem européia, no século XVIII, que vem morar numa região tão distante e isolada, num momento em que a Europa passa pelo movimento da Revolução Industrial, e que troca uma moda rebuscada (por mais simples e humilde que Joana fosse) por uma vida em que o vestir tinha somente a função de se cobrir, traz questionamentos bastantes para se fazer um trabalho em moda.

A moda vigente na Europa no período em que é contada esta história, passa do estilo rococó, até 1789, para o estilo diretório, do fim do século XVIII, e o estilo império, do início do século XIX. Estes estilos não têm influência direta nas formas propostas neste trabalho, podendo, entretanto, destacar-se que o rococó criou uma indumentária elegante e delicada, uma das propostas deste trabalho; o diretório tornou a indumentária mais confortável e

prática, generalizando-a por todas as camadas sociais (como o é a moda atualmente), levando à natureza e à simplicidade, e utilizando vestidos leves e transparentes, como proposto também aqui; e o estilo império onde o vestido “camisola”, bastante decotado, e o uso de acessórios com pedras preciosas usados em volta do pescoço numa fita curta ou pregadas sobre o peito, são referências para este trabalho. As formas utilizadas neste trabalho são simples, sendo ao final um *mix* de estilos releitos, como é a moda dos dias atuais.

O fato do Brasil, neste período, só produzir tecido “tipo saco”, utilizado para embalar os produtos agrícolas enviados para a Europa, e para vestir os escravos que viviam aqui, também é objeto de enfoque para o desenvolvimento deste trabalho, onde os tecidos utilizados têm aspecto rústico como os daquele período.

Os índios Puri-Coroado que habitavam São Fidélis, com seus hábitos e costumes, e os elementos da natureza que os cercavam, também serão uma referência muito forte utilizada para esta criação em moda, já que é com um índio Puri que Joana perde a sua virgindade, são os Puris que exterminam sua família, e é com eles que ela é obrigada a conviver por um determinado tempo.

### ***Vestindo Joana***

A orquídea, a semente de “saboneta”, os tecidos rústicos e os cristais são os elementos trazidos da Lenda da Bela Joana para o desenvolvimento desta coleção.

A orquídea, aqui, representa não só a perda da virgindade de Joana, como sua rara beleza e delicadeza. A semente de “saboneta” representa os índios e sua cultura.

Os tecidos rústicos, de fibras naturais, representam a cultura local, não somente indígena, no período em que se passa a história.

Os cristais europeus, inigualáveis, representam a origem de Joana.

### ***A orquídea***

A orquídea *laelia fidelensis*, nativa das serras de São Fidélis, é um elemento natural escolhido para o desenvolvimento deste trabalho de criação em moda. Não só por sua origem fidelense, ou por sua raridade, mas pela representação que esta orquídea tem no contexto da lenda contada, já que Joana perdeu sua virgindade com o Puri em seu habitat natural, e suas formas remetem ao aparelho sexual feminino deflorado.

### ***A semente***

A semente popularmente conhecida como “saboneta” é outro elemento natural utilizado neste trabalho. Esta semente tem este nome por, ao ter a casca que a envolve quebrada, liberar uma substância viscosa que ao contato com a água, a faz espumar. Ela era utilizada pelos índios para banharem-se, ou jogadas ao rio em grande quantidade, para fazerem os peixes subirem à superfície para respirarem, sendo assim capturados por eles. Ambas as práticas eram típicas dos índios, no rio Paraíba do Sul, em São Fidélis.

### ***Os cristais***

Os cristais utilizados neste trabalho fazem uma referência à origem de Joana, já que ela era de origem européia, assim como os cristais.

### ***Outros elementos***

Elementos naturais como o coqueiro ou a bananeira, são apresentados aqui em forma de tecidos, assim como o rami, o linho, e o algodão cru, fazendo assim uma referência ao habitat onde se passa a lenda e seus personagens.

### ***A silhueta***

A silhueta desta coleção é simples, tanto pela aparência dos materiais quanto por suas formas. É inspirada numa Joana simples e delicada no primeiro momento, ousada e sensual no segundo, prática e simples no terceiro, assim como foi a sua vida.

### ***A coleção***

O primeiro momento desta coleção é inspirado na Joana menina, que vive com sua família, e acaba se envolvendo com um índio, com o qual perde a sua virgindade. São peças com poucos detalhes, onde a orquídea e a semente aparecem simplesmente como elementos da natureza, com os quais ela se adorna. Os tecidos rústicos se apresentam crus ou em cores pálidas, em formas simples, de acordo com a vida que ela levava.

O segundo momento, que se refere à fase em que Joana trabalha num prostíbulo para sobreviver, é mais ousado e sensual. Ela abusa das transparências, dos decotes e do uso dos cristais. A orquídea e a semente são simples lembranças do momento anterior. Os tecidos rústicos aparecem mais fluidos ou encorpados, em tons de cru ou palha ou até num verde-

mata, em formas bastante ousadas, bem de acordo com a vida noturna que é obrigada a viver neste momento.

O terceiro e último momento é o que Joana se torna mulher de verdade, amando e sendo amada por aquele que a acompanharia pelo resto de sua vida. Neste momento ela é uma mulher realizada em sua vida amorosa, e prática no vestir para o dia-a-dia na fazenda. A orquídea e a semente vêm adorná-la, representando suas boas lembranças, assim como o fato de viver em contato com a natureza novamente. Os tecidos rústicos aparecem em cores pálidas, apresentados de maneira mais confortável, em formas simples e práticas, para combinar com a vida atarefada de uma fazendeira.

Mesmo que Bela Joana, a Filha do Sapateiro não passe de uma lenda, ela fez jorrar idéias para esta criação em moda. Todo o ambiente em que se passa a história é real: os índios, com seus hábitos e costumes; os locais, que têm os mesmos nomes até hoje; o período histórico e seus fatos. Os elementos escolhidos para a realização deste trabalho: a orquídea "*laelia fidelensis*", a semente de "saboneta", as fibras naturais, e os tecidos rústicos, têm referência direta e real com a história contada através da lenda. E o fato de se tratar de uma lenda, ainda proporcionou a possibilidade de criar, sem se prender ao fato de terem existido ou não seus personagens principais, trazendo um ar de fantasia para esta coleção.

Bela Joana, a Filha do Sapateiro foi objeto de estudo para a realização deste trabalho monográfico, despertando, através de sua história, a curiosidade e a necessidade de trazê-la reinventada através desta criação em moda. Esta é mais uma forma de não deixar que esta história morra, e que seja vista, através desta nova leitura, e passada adiante por pelo menos mais duzentos anos.

## ***Referências***

BARROS, Clara Emília Monteiro de. *Aldeamento de São Fidélis: o sentido do espaço na iconografia*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1995.

NERY, Marie Louise. *A evolução da indumentária: subsídios para criação de figurino*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2003.

SENE, Eustáquio de; MOREIRA, João Carlos. *Geografia geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização*. São Paulo: Scipione, 1998.

SILVA, Osório Peixoto. *Bela Joana, a filha do sapateiro*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.